

ANÁLISE: O QUE ESPERAR DO ENCONTRO DE BOLSONARO E TRUMP

Visita de Bolsonaro à Casa Branca vai incitar seus principais apoiadores. Mas investidores vão procurar ações concretas que a reunião pode não produzir

Oliver Stuenkel, com tradução de Rodrigo Castro
15/03/2019 - 16:44 / Atualizado em 15/03/2019 - 17:20



O presidente americano, Donald Trump, e o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro. Foto: Agência O Globo



Quando Donald Trump e Jair Bolsonaro se encontrarem em Washington, na próxima semana, eles vão “sacudir a Terra”, prometeu um diplomata do alto escalão envolvido na preparação do evento.

De fato, de várias maneiras, o encontro deverá ser revolucionário. Quando Bolsonaro anunciou sua viagem via Twitter, apoiadores começaram a postar imagens dos dois presidentes vestidos como heróis de ação e imagens das bandeiras brasileira e americana tremulando lado a lado. Nunca antes um presidente brasileiro havia se associado tão intimamente a seu homólogo americano. Isso vai desde o uso das mídias sociais, da nostalgia pelo passado de glória e o desdém pelo sistema de freios e contrapesos, mídia tradicional, mudanças climáticas, socialismo e minorias. O ministro de Relações Exteriores de Bolsonaro, Ernesto Araújo, argumentou que apenas Trump podia “salvar o Ocidente”. E a política externa de Bolsonaro é construída em torno de uma única promessa: transformar os EUA no principal parceiro do Brasil.

No entanto, uma dinâmica que se tornou marca registrada deste governo brasileiro também será exibida em Washington: a facção antigoalista e pró-Trump do governo Bolsonaro, que inclui seu ministro das Relações Exteriores, entrará em choque com os generais mais prudentes, liderados pelo vice-presidente, Hamilton Mourão, e os tecnocratas, representados pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, e pelo ministro da Justiça, Sergio Moro. Ainda que Mourão não vá estar na reunião, não seria surpreendente vê-lo contradizer publicamente Bolsonaro durante a viagem do presidente, como tem feito continuamente nos últimos meses.

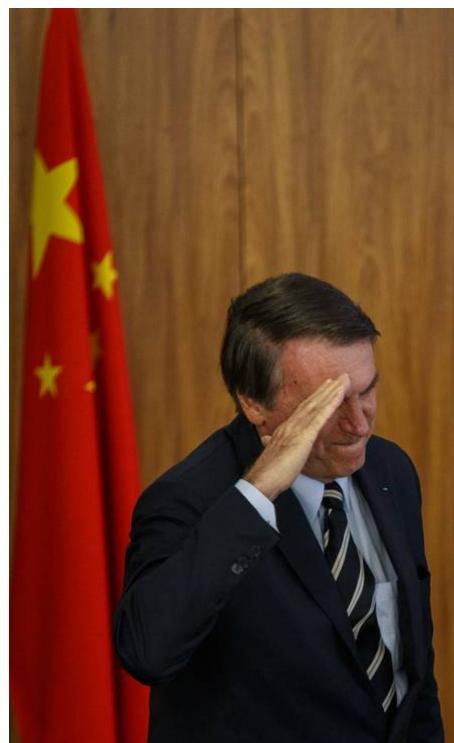
E que decisões concretas podemos esperar? Aqui estão alguns dos tópicos que provavelmente serão incluídos no encontro entre Trump e Bolsonaro.

Venezuela

O modo de lidar com a crise na Venezuela certamente será parte da conversa. Enquanto os primeiros comentários sobre o alinhamento radical com os Estados Unidos aumentaram as esperanças em Washington de que o Brasil ficaria do lado de Trump, não importando as circunstâncias — incluindo instalar provisoriamente as tropas dos EUA se uma intervenção militar ocorresse —, Mourão rejeitou firmemente tal possibilidade, assim como descartou todas as conversas sobre uma base militar permanente dos EUA em território brasileiro. Poucos dias antes da viagem de Bolsonaro, Mourão parecia reafirmar a sensação cada vez mais profunda de que ele controla as principais decisões de política externa ao manifestar esperanças de iniciar conversas de bastidores com elementos mais moderados do regime de Nicolás Maduro. Diplomatas americanos se perguntaram a portas fechadas se Araújo é “all hat, no cattle” [NT: expressão usada para referir-se àqueles que falam bastante, mas agem pouco] — duvidando de sua capacidade de fazer frente a Mourão e aos generais.

Defesa

A administração de Trump pode declarar o Brasil um grande aliado não OTAN (major non-NATO ally — MNNA). O agrupamento inclui Israel, Japão, Coreia do Sul e Austrália — a Argentina é o único país da América Latina na lista até o momento. A designação abre a porta para o estreitamento dos laços militares com os EUA e ajuda os fornecedores brasileiros a se unirem aos consórcios e concorrerem a alguns contratos de defesa dos EUA. Também é provável que amplie a cooperação na partilha de informações e na luta contra o crime transnacional e o tráfico de drogas. Para o Brasil, seria uma mudança significativa em sua política externa, em grande parte impensável há apenas alguns anos, dada uma preferência tradicional por autonomia estratégica, livre de restrições que as alianças possam implicar. E, no entanto, é um desenvolvimento bastante modesto quando comparado ao que havia sido anunciado nos últimos meses. Ideias mais radicais, como seguir a liderança americana na transferência da embaixada brasileira em Israel para Jerusalém, parecem ter sido frustradas pelos moderados em Brasília.



O presidente Jair Bolsonaro participa de evento com o embaixador da República Popular da China, Yang Wanming Foto: Daniel Marenco / Agência O Globo

China

É provável que Trump peça a Bolsonaro para ajudar a limitar a influência de Pequim na América Latina — uma ideia recentemente expressa pelo senador Marco Rubio também. Embora o presidente do Brasil possa concordar pessoalmente — ele criticou a China em discursos de campanha —, os profundos laços econômicos do Brasil com a gigante asiática dificultam a oposição a Pequim. Pragmáticos em torno de Mourão e Guedes convenceram Bolsonaro a viajar para Pequim neste ano — uma decisão a que se opõe Olavo de Carvalho, um teórico da conspiração de extrema-direita baseado na Virgínia que exerce influência significativa sobre o governo de Bolsonaro. Embora as relações Brasil-China tenham sofrido um pouco sob Bolsonaro, as realidades econômicas provavelmente impedirão uma ação decisiva contra Pequim.

Espaço aéreo

É provável que tenhamos um grande passo à frente quando se trata de cooperação espacial, formalizando o acesso dos EUA a uma base de lançamento no Nordeste do Brasil. Várias empresas dos EUA declararam seu interesse, já que o sítio reduziria em 30% os custos de combustível dos lançamentos de satélites. O passo crucial, um acordo de salvaguarda de tecnologia para proteger a tecnologia espacial e de satélite dos EUA, deverá ser assinado durante a visita de Bolsonaro. Um acordo um pouco semelhante foi discutido pelo governo brasileiro em 2001, mas foi

frustrado em meio a preocupações sobre as implicações para a soberania do Brasil. Embora muito dependa dos detalhes, que ainda não foram divulgados, a assinatura do acordo poderá levar a uma maior cooperação tecnológica no setor aeroespacial e de defesa. Isso, por sua vez, pode permitir ao Brasil desenvolver expertise na área, um ativo cada vez mais importante graças ao rápido crescimento no setor de microssatélites, crucial para a comunicação via GPS e internet.

Apoio à filiação da OCDE



O ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo
Foto: Daniel Marenco / Agência O Globo

Guedes e Moro estão empenhados em conquistar o apoio formal de Trump para a filiação do Brasil à Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que o ex-presidente Michel Temer não conseguiu obter no ano passado. Embora incerto — Washington está relutante em

expandir o número de membros neste momento —, o apoio dos EUA seria uma vitória política tangível para Bolsonaro e fortaleceria seu apoio entre os economistas liberais, que recentemente expressaram dúvidas sobre o compromisso do presidente com sua causa.

Comércio

Os otimistas também estão esperando por medidas concretas para facilitar laços econômicos, mas é aí que o progresso parece menos provável. A promessa de Eduardo Bolsonaro, filho do presidente brasileiro, de que os Estados Unidos superariam a China como o principal parceiro comercial do Brasil continua sendo irrealista. Isso ocorre principalmente porque os principais defensores de Trump nas áreas rurais se opõem à redução de tarifas para produtos brasileiros, como a soja. Além disso, com os democratas no controle, é improvável que a Câmara dos Deputados apoie um acordo comercial ambicioso com o Brasil, deixando espaço apenas para a redução de uma série de obstáculos regulatórios — os chamados expedientes mais fáceis [NT: da expressão low-hanging fruit, cuja tradução literal é "frutos baixos"]. Embora Bolsonaro e Trump não possam progredir a ponto de chegar a um tratado de dupla tributação, é mais provável que os EUA facilitem procedimentos de visto para executivos brasileiros pré-aprovados — um acordo que o governo de Dilma Rousseff bloqueou porque não estava disposto a compartilhar informações sobre cidadãos brasileiros com o governo dos Estados Unidos.

Inquilinos da embaixada

Enquanto o governo dos EUA deverá adiar o anúncio de seu novo embaixador no Brasil, Bolsonaro anunciará seu representante em Washington durante a visita. A nomeação de Nestor Forster, um dos poucos diplomatas de carreira brasileiros com visões estreitamente alinhadas às de Araújo e Olavo de Carvalho, seria uma vitória das forças pró-Trump. A escolha de Murillo de Aragão, um advogado bem-relacionado e consultor de negócios, ou qualquer experiente diplomata de carreira, seria visto como favorável aos generais e economistas do governo brasileiro.

As expectativas são altas. Os observadores avaliarão a política externa de Bolsonaro em grande parte com base em sua capacidade de transformar os laços de Brasil-EUA. E, em um momento em que vários projetos políticos em casa (incluindo a reforma da Previdência) enfrentam ventos contrários, o presidente enfrenta uma pressão considerável para cumprir suas promessas.



← ANTERIOR

QUEM É IOLENE LIMA, UMA
EVANGÉLICA ENTRE
OLAVETES E MILITARES NO
MEC

PRÓXIMA →

AS EMPRESAS DE
TECNOLOGIA SÃO
CÚMPlices DO DISCURSO
DE ÓDIO NA INTERNET

RECOMENDADAS PARA VOCÊ

Recomendado por |



À la Globeleza, ex de Tyga posa
coberta apenas por tinta dourada



Beyoncé quebra recorde mundial no
Instagram

MAIS LIDAS NA ÉPOCA

1. HUCK ESTÁ EM PRÉ-CAMPAHNA
[Época](#)

2. CARLOS VETA ACESSO DE JAIR BOLSONARO AO TWITTER
[Guilherme Amado](#)

3. A OUTRA FACE DE MARCOS PONTES, O MINISTRO ASTRONAUTA
[Natália Portinari](#)
→

4. CARLOS BOLSONARO AJUDA MOURÃO NAS REDES SOCIAIS
[Ana Clara Costa](#)

5. A DESTRUÇÃO DO BOM EMPREGO NO BRASIL
[Bárbara Nóbrega](#)

MAIS DE ÉPOCA

VER MAIS

EPOCA

